

Da análise dos valores inscritos neste quadro facilmente se deduz a diversidade de composição das ligas metálicas utilizadas para o fabrico das fivelas colhidas nas citadas estações arqueológicas.

Estes valores devem ser encarados como aproximados, visto a amostra retirada de cada fivela ter sido muito pequena, como a delicadeza das peças impunha e, portanto, consistir de uma mistura de óxido e de metal.

Nota-se a ocorrência vestigial de ferro, arsénio e zinco. A do primeiro elemento pode ser atribuída, provavelmente, à própria constituição do terreno e a existência de zinco pode ser encarada como uma impureza.

OSVALDO FREIRE

Assist. Ext. da Faculdade de Ciências da Univ. do Porto

O «botilho de verga»

No período do desmame é uso corrente em Portugal adaptar ao focinho das crias instrumentos de rara simplicidade mas sobremaneira funcionais que as impedem de mamar.

Estes instrumentos apresentam configuração variada, estando já descritas algumas das formas de que podem revestir-se (1).

No Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto há dois exemplares de um tipo de *botilho* que, segundo cremos, não se encontra ainda registado, circunstância que nos animou a arquivá-lo neste ligeiro apontamento de etnografia.

Constituem estes dois exemplares oferta da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Isabel Antunes Pinto feita ao Museu Antropológico no ano de 1964. Foram recolhidos numa propriedade agrícola da Beira Baixa, sita entre Penamacor e Fundão, no distrito de Castelo Branco, onde são utilizados no desmame dos cabritos.

Na fig. 1 reproduzimos, em desenho esquemático, um dos exemplares deste tipo de *botilho*.

É feito de uma verga de olmo a que se conferiu forma triangular aproximadamente isósceles. Esta configuração é obtida por flexão dos segmentos terminais da vara em dois pontos convenientemente afastados. A flexão é precedida de torção nos mesmos pontos, o que ocasiona que o lado menor não fique complanar com os dois outros lados do *botilho*.

(1) JORGE DIAS, *Contribuição ao estudo do barbilho*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1958, vol. XVI, fasc. 1-4, págs. 171-175, 3 figs.

SANTOS JÚNIOR, J. R., *Um botilho trasmontano*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1963, vol. XIX, fasc. 2, págs. 193-196, 2 figs.

Os dois lados maiores cruzam nas extremidades. A sobreposição é favorecida por 2 entalhes existentes na zona de cruzamento e é mantida por um fio que ajusta os lados nessa mesma zona. As porções livres deste fio permitem a fixação do *botilho* à cabeça do animal.

Quando se quer impedir uma cria de mamar ajusta-se-lhe o *botilho*. O lado menor é-lhe introduzido na boca, após o que se prende o botilho à cabeça do animal. A corda amarra na cabeça, por trás dos cornos, garantindo uma fixação perfeita.

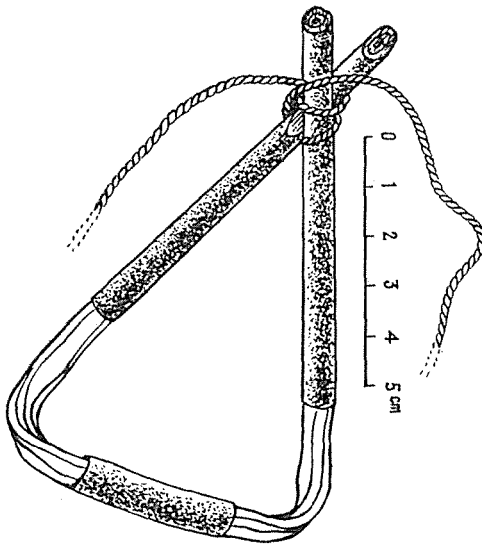


Fig. 1 — Botilho de verga da Quinta da Ferreira, concelho do Fundão (das coleções do Museu Antropológico da Fac. de Ciências do Porto).

A utilização deste tipo de *botilho* não está limitada à Beira Baixa. O Prof. SANTOS JÚNIOR registou o uso de *botilhos* deste mesmo tipo em Meirinhos, Mogadouro, cedendo-nos a fotografia que inserimos (Fig. 2) e que ilustra o modo como o botilho é fixado à cabeça dos cabritos ou *chibos* como ali os designam.

A cabrada que o Sr. Prof. SANTOS JÚNIOR encontrou em Meirinhos, no dia 15 de Abril de 1965, tinha todos os *chibos* embotilhados com botilhos deste tipo, a que chamam *botilhos de verga*, por serem singela e prontamente feitos de uma verga que pode ser de olmo, marmeleiro, oliveira, zambulho ou vime.

Nesta mesma região usam também embotilhar os *chibos* com o chamado *botilho de carreta*, feito de um pau cilíndrico de esteva,

carrasco ou de amendoeira, com entalhes nas extremidades onde prendem dois cordéis que cruzam sobre a testa e vão amarrar por trás dos cornos. Este tipo de botilho é o que vem reproduzido no citado trabalho de Prof. JORGE DIAS (págs. 173-3) e que é designado em Resende com o nome de *barbilho*.



Fig. 2 — Cabritos embotilhados (Meirinhos, Mogadouro).
Fotografia do Sr. Prof. SANTOS JÚNIOR.

Instrumentos utilizados com finalidade idêntica à dos que acabamos de descrever são citados pelo Prof. Doutor JORGE DIAS ⁽¹⁾ sob a designação genérica de *barbilhos*, que este distinto etnógrafo distribui por 6 tipos. Preferimos neste breve apontamento conservar a designação de *botilho* dado que é o nome corrente por que são conhecidos na Beira Baixa e em Trás-os-Montes os instrumentos que descrevemos e alguns outros afins.

OSVALDO FREIRE

Assist. Ext. da Faculdade de Ciências da Univ. do Porto

(1) JORGE DIAS, *obr. cit.*